

Quanto tempo tenho?¹ **Aplicações da dialética na compreensão do tempo no telejornalismo**

Alfredo Eurico VIZEU Pereira Júnior²
Elane Gomes da SILVA Oliveira ³
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO:

Discussões das mais variadas correntes de pesquisa se dedicam a entender e compreender as ações do tempo no processo produtivo do noticiário na televisão. Este estudo tem como preocupação apontar e buscar compreender como algumas temporalidades podem interferir na construção do telejornal, a ponto de tornar-se o valor mais significativo. Concentramos esta pesquisa em um viés multidisciplinar, utilizando como aporte teórico a dialética, com a intenção de apontar discussões sobre o tempo em variadas áreas do conhecimento: o Jornalismo, a História e a Filosofia. Acreditamos que mais do que se falar num tempo do Jornalismo estamos tratando de temporalidades do campo jornalístico. Num mundo em que a marca é o ritmo de vida acelerado, ter consciência de como a informação televisiva se apropria das instâncias temporais, é também compreender os modos de vida das pessoas no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Telejornalismo. Tempo. Temporalidades. Dialética.

1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre o tempo são complexas, com estudos constantes, permanentes e intensos em muitas áreas das ciências. Neste texto, vamos falar da temporalidade na construção do telejornalismo atual.

Na visão de Heidegger (2003), a ela pode ser definida como algo subjetivo, relacionado ao mundo humano. Tomando como base esse pensamento, acreditamos que trabalhar com o conceito de temporalidade dentro das instâncias do Jornalismo está relacionado as vivências do ser humano e pouco tem a ver com o tempo físico e biológico da natureza, ou ainda com formas de tempo palpáveis, por meio de métricas. Atualmente, acontecimentos são transformados em notícias rapidamente, e, assim como os historia-

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). Coordenador do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Contemporaneidade e Jornalista. Rede Telejor. E-mail: a.vizeu@yahoo.com.br.

³Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). Integrante do Grupo Jornalismo e Contemporaneidade. Jornalista. E-mail: elanegomessilva@gmail.com.

dores se apropriam a narrar fatos que impactam a vida em sociedade, os jornalistas também fazem isso. A diferença é que os historiadores dão conta de tensões sedimentadas. O jornalismo não. Este, tem que trabalhar com o hoje, aqui e agora. O presente é inerente à função e ao campo.

O discurso jornalístico é sobretudo o relato daquilo que aconteceu, da ocorrência de factos, acontecimentos, acções, palavras que tiveram lugar recentemente, relato que é produzido e circula regularmente no nosso dia a dia através dos diferentes dispositivos da informação. Assemelha-se, deste ponto de vista, ao discurso histórico. Tal como o historiador, também o jornalista narra, dá conta da marcha do mundo, das ocorrências que ele estima importantes ou relevantes. Há, no entanto, uma primeira diferença fundamental entre estes dois tipos de discurso. Em geral, o historiador narra acontecimentos que um passado suficientemente afastado já sedimentou na memória colectiva, ao passo que o jornalista dá conta daquilo que ocorreu recentemente e, por este motivo, daquilo que ainda não acedeu à memória colectiva. (RODRIGUES, 1996, p. 59)

O tempo molda as escolhas noticiosas e torna a notícia um produto perecível, dotado da necessidade de atualização constante. No telejornalismo, essa pressão temporal é vigorosa. Os telejornais são organizados em grades de programação arquitetadas pelas emissoras. Cada segundo de preparo antes da exibição faz toda a diferença. O tempo é quem serve de norte para o noticiário de forma geral: produção - edição - exibição.

O desenvolvimento desta discussão parte de perguntas que indicam o caminho para esta pesquisa doutoral, ainda em andamento: como é possível perceber as pressões que o tempo exerce nos profissionais do telejornalismo? Quais as temporalidades envolvidas no telejornalismo hoje? O que é o tempo dentro do telejornalismo?. Nosso percurso será teórico, valendo-se da multidisciplinaridade para traçar caminhos importantes na compreensão da existência e profundidade do tempo dentro de um ambiente jornalístico televisivo.

A Filosofia e a História trabalham com conceito de tempo a partir de outras perspectivas. Acreditamos que o Jornalismo também pode contribuir com essa discussão, levando em conta que como o tempo não possui uma definição fechada, trabalhar com este tipo de conceito de forma enviesada, por meio de noções que o cercam, poderá trazer novas possibilidades de entendimento não só do tema, mas também de como a sociedade apresenta-se hoje.

São os milhares de acontecimentos que se tornam notícia e dão vazão ao instantâneo, o simultâneo e a novidade (FRANCISCATO, 2005). Segundo Robert Park (1966)

as notícias têm a função de “orientar o homem e a sociedade num mundo real”. Dentro desse universo, é possível aferir que é de responsabilidade dos jornalistas situar o homem dentro do contexto político, social, cultural e econômico do mundo. O processo de seleção é complexo, pois o mesmo é enquadrado em uma cadeia temporal, em que a notícia tem curta duração.

O jornalismo é o discurso do presente. Explicar como funciona o jornalismo é explicar como funciona o presente numa sociedade (GOMIS, 1997). Então, valendo-nos dessa afirmação do autor, compreendermos como se apresenta esse cenário acelerado e perecível de produção das notícias para um telejornal nos ajudará a enxergar os modos de vida da sociedade atual, cada vez mais instantânea e fundada no tempo presente. Ao buscarmos fazer esse tipo de ponte entre o telejornalismo e o conceito de temporalidade, abrimos chaves de pensamento sobre a forma como a sociedade interpreta o mundo das notícias, por meio da televisão, que continua sendo o veículo de massa que as pessoas mais utilizam para se informarem no Brasil⁴.

Para Franciscato (2005) o jornalismo é um relato do presente definido simbolicamente e que é lugar de referência para o agir humano, mesmo que o evento já tenha passado. Ele destaca também que o jornalismo não cria o tempo presente, mas pode atuar de forma privilegiada, reforçando a instauração de uma temporalidade social.

Esta pesquisa toma por base a dialética, que nos levará a aprofundar o entendimento sobre o tempo, contrapondo ideias de linhas distintas, para que possamos compreender a multiplicidade de pensamentos. Dentro da própria dialética diversos eixos levam sempre ao ponto de partida, que é o entendimento sobre algo ou circunstância. De todo modo, a dialética é a explicação do movimento. É a transformação das coisas.

Para Platão a dialética era um método de ascensão ao inteligível, método de dedução racional das ideias. Esse duplo movimento do método dialético permitia, primeiro, passar da multiplicidade para a unidade e, segundo, discriminar as ideias entre si, não confundi-las. Para ele, a dialética era uma técnica de pesquisa que se aplicava mediante a colaboração de duas ou mais pessoas, procedendo por perguntas e respostas. O conhecimento deveria nascer desse encontro, da reflexão coletiva, da disputa e não do isolamento. (GADOTTI, 1990, p. 16)

⁴ Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, cerca de nove em cada dez entrevistados fizeram menção em primeiro ou segundo lugar à TV como o veículo preferido para obter informações.

No mundo moderno, com Marx e Engels, a dialética assume uma postura filosófica e também científica. Por meio do materialismo dialético e o histórico. O contraditório passa a ser percebido.

A concepção materialista-dialética entende que, no estudo do desenvolvimento de um fenômeno deve partir -se do seu conteúdo interno, das suas relações com os outros fenômenos, quer dizer, deve-se considerar o desenvolvimento dos fenômenos como sendo o seu movimento próprio, necessário, interno, encontrando-se, aliás, cada fenômeno no seu movimento, em ligação e interação com outros fenômenos que o rodeiam. A causa fundamental do desenvolvimento dos fenômenos não é externa, mas interna; ela reside no contraditório do interior dos próprios fenômenos. No interior de todo fenômeno há contradições, daí o seu movimento e desenvolvimento. (ALTHUSSER, 1979, p. 32)

Dentro do campo da dialética, seguindo uma linha mais filosófica encontramos em Gaston Bachelard (1994) algo que nos chama atenção. Em 'A Dialética da Duração', é possível lançar olhares para a história numa perspectiva de tempo descontinuada em instantes. Para ele, a verdadeira realidade do tempo é o instante, o momento único. A dialética, utilizada pelo autor, neste caso, não conduz ao conhecimento, mas a disputa, a probabilidade, a opinião, já que seus escritos fazem referência e oposição a obra de Henri Bergson (2011). Em Duração e Simultaneidade, Bergson diz que o tempo é contínuo e que o presente é um grau mais contraído do passado. O tempo é um “todo” em si mesmo e o instante é apenas uma abstração.

Em contrapartida, outros autores debateram o pensamento de Bachelard (1994). Um deles, o historiador francês Fernand Braudel, escreveu uma crítica à obra de Bachelard. Na visão de Braudel, a história está fundada em três tipos de tempo: curto, médio e longa duração. Para Braudel (1978), o tempo histórico é uma representação de como o tempo passa, centrado em diferentes processos, acontecimentos e estruturas a partir de uma determinada matriz histórica. Os eventos do dia a dia, os fatos do cotidiano se encaixam no tempo curto. Já o tempo médio, é explicado pela conjuntura em que esses pequenos eventos se desenrolam e as estruturas, a situação que pouco muda, seria a longa duração. Só a compreensão desses modos de visualização temporal é que pode dar margem para se contar ou se decidir algo.

O desafio é entender o tempo nesse processo de construção da notícia na televisão. Seja buscando pistas nos processos ou nas práticas do telejornalismo, nosso intuito é traçar conceitualmente como se sente o tempo nas redações, como ele, de forma tão

subjetiva instaura modos de vivência organizacional e de escolha das notícias. Traçamos um percurso voltado para o conceitual, tendo como base o fato/acometimento e o tempo externo e interno ao homem, para a partir daí compreendermos as temporalidades dentro do contexto do telejornalismo.

2. A NOTÍCIA E O TELEJORNAL

Adotamos a ideia de que o fato ou acontecimento aproxima-se do conceito de notícia, que trata diretamente de casos que merecem destaque nos veículos de mídia, caminhando pela consciência de que as pessoas precisam saber de sua existência.

Entregues em uma sociedade midiática, enxergamos o fato/acometimento como ponto de partida para o que servirá de notícia para os meios de comunicação e seus respectivos programas jornalísticos. Sodré (2012, p. 33) afirma que na prática o acontecimento pode ser tomado como sinônimo de fato sócio-histórico. E, o autor ainda completa “Mas enquanto o acontecimento se pauta pela atualidade, isto por uma experiência singular na temporalidade do *aqui* e *agora*, o fato, mesmo inscrito na história, é uma elaboração intelectual”. (SODRÉ, 2012, p. 33)

Ao quebrar a normalidade e a sequência natural das coisas, o acontecimento alarga o horizonte do possível, aponta alternativas impensadas, convoca passados esquecidos e abre o presente para novos futuros possíveis. (...) Tomar o acontecimento como momento de ruptura e de reorganização, como ocorrência que afeta indivíduos e coletividades, que é ordenado através de narrativas, que convoca e constitui públicos específicos, que descortina campos problemáticos e reorganiza a intervenção dos sujeitos sociais. (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012, p. 9)

Como estamos envolvidos com o campo da mídia televisiva, tratamos a questão da atualidade, do tempo dentro desta perspectiva: porém que diz respeito ao fato e ao acontecimento jornalístico trabalharemos dentro do olhar de Vizeu e Correia (2008) que não fazem distinção entre ambos como outros autores das teorias do Jornalismo (GOMIS, 1997). Consideramos que estes olhares diferenciados não comprometem a discussão sobre as temporalidades uma vez que na questão sobre o que é acontecimento jornalístico as diferenças não são grandes.

Escolhemos essa abordagem por entendermos que certas configurações midiáticas contribuem para o alargamento da memória coletiva e além disso, discutem o cotidiano a partir de marcas do presente transformando-as em passado e questionando efeitos futuros, seja acontecimento como algo que transborda o instante ou o fato o evento em si,

tratamos ambos, dentro do espaço telejornalístico, como passíveis de mesmo significado.

Quando levados para o âmbito jornalístico, os acontecimentos ficam no meio do caminho entre os ganchos da História e do Jornalismo. (BABO-LANÇA, 2012, p. 61) Essa 'síndrome do meio do caminho' pode causar confusão entre as duas áreas do saber, porém, em certo ponto gera cruzamentos discutíveis e interessantes. Mesmo que versem sobre formas narrativas diferentes, o acontecimento para ambas as ciências representam o único, o momento especial, o evento.

O acontecimento não tem o mesmo sentido para o historiador e para o jornalista, pois os seus pontos de vista diferem: o primeiro busca uma série de factos, enquanto o segundo espera encontrar o facto único. (...) O acontecimento tem lugar num determinado espaço-tempo que lhe confere a sua unidade. Provoca uma mudança e uma nova organização do seu próprio sistema. Se dura pouco é considerado um acidente. Mas, a sua força reside na capacidade de modificar a estrutura envolvente. (FONTCUBERTA, 2010, p. 15)

Dentro do Jornalismo, o acontecimento aparece como um fato passível de tratamento. É enquadrado dentro de códigos e valores. Abriga-se debaixo do discurso informativo e sua força reside no enredo e na mudança que traz à estrutura envolvida. É este acontecimento moldado pela força informativa que valida esta discussão. O surgimento dos meios de comunicação permitiu que existisse uma simbólica troca de papéis. Antes, era o historiador que avaliava o que era ou não acontecimento, depois os meios de comunicação assumiram essa função. (NORA, 1978). Isto nos remete também a evolução midiática da sociedade. Aparatos como a invenção do telefone, do telégrafo, a chegada da luz elétrica, a expansão da fotografia, dentre outras novidades refletiram a ampliação de uma época, acontecimentos que viraram notícia, impactando o início do século XX e marcando o território da comunicação.

Sendo assim, no compasso do tempo, os meios de comunicação foram evoluindo tecnologicamente. Hoje, a Internet e os meios digitais favorecem a disseminação de informações, que tornam-se conteúdo. Para Alsina (1989), a comunicabilidade do fato significa que os meios de comunicação são os criadores dos acontecimentos jornalísticos. Ou seja, ao tornarem público e acessível o conhecimento de algo, eles transformam em notícia o que era da ordem do acontecimento.

O Jornalismo não é ciência exata, longe disso. Por mais rigoroso que se apresente na prática, os seus processos são fluídos e refletem sempre a realidade social de uma época. Notícia é sua matéria-prima, que admite diversos conceitos. Concretamente sua definição é gelatinosa. Para alguns autores, pode ser vista como mercadoria, moeda de troca, bem simbólico (MORETSON, 2002), (FILHO,1986). Porém, é inquestionável que com o passar do tempo, a valorização da informação e a disseminação dos meios de comunicação digitais transformaram a notícia em um bem de primeira necessidade. (FONTCUBERTA, 2010).

De toda forma, Nilson Lage (1979) fala sobre a complexidade de definição de notícia. O autor utiliza uma série de exemplos clássicos para determinar a particularidade do objeto. Em síntese, a notícia seria o “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e, este, de seu aspecto mais importante”. Porém, o autor reconhece que essa visão também é limitada.

Como forma de traçar linhas de entendimento e modos de uso para a notícia, foram criadas marcações que as regulamentam e enquadram em graus de importância durante os momentos de avaliação. Os critérios de noticiabilidade demarcam o território do acontecimento, por meio dos valores-notícia, que organizam o fluxo e controlam o volume dos fatos e acontecimentos que chegam ao espaço próprio para o seu manuseio: a redação. Nos textos de Martino (2003, p.108), os critérios de seleção noticiosa servem para orientar o ambiente jornalístico profissional.

A escolha das notícias pressupõe critério. Não apenas para decidir o que terá espaço em um jornal, mas também as dimensões desse espaço. Nem todos os fatos podem ser publicados, nem todos os publicados serão destaque, nem todos os destaques serão manchetes. Há um problema pré-existente de espaço dentro dos veículos de comunicação. (MARTINO, 2003, p.108).

A nosso ver, noticiabilidade está ligada à imposição de ordem, organização do processo produtivo, e, a estabilidade da seleção só será possível mediante a aplicação de práticas que reduzirão o tempo de construção, acelerando o depósito de informações para o público. Pena (2005, p.130) afirma que a noticiabilidade é negociável, discussões entre repórteres, editores, diretores e outros atores do processo produtivo, e, para este efeito construtivista é preciso aplicação do que a teoria denomina de valores-notícia.

Entendemos que os valores-notícia são tidos como componentes da noticiabilidade, construídos e adotados para ajudar a definir as rotinas produtivas. Vizeu (2000) defende que eles estão submetidos a cultura profissional do jornalismo, a organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), a língua e as regras do campo das linguagens na qual, no processo de enunciação, são produzidos os discursos jornalísticos. Um dos fatores que julgamos importante destacar é a questão do tempo.

Em outra ponta da discussão, Genro Filho (1987) diz que por meio da notícia, a informação individualiza a situação ou fato apresentado, procurando em seguida, quando for o caso, demonstrar o quanto universal existe, contextualizando-a na realidade circundante (espacialidade) e pontuando-a com a realidade histórica que a constitui (temporalidade).

Depois dessa caminhada de entendimento da notícia, concentremos esforços na aplicação dessa temporalidade noticiosa dentro do telejornalismo. Para Vizeu e Correia (2008), o telejornal representa um lugar de referência para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Os autores defendem que o telejornalismo também é um espaço onde se gera conhecimento, o conhecimento proveniente do telejornalismo. Não há notícia sem conhecimento. Os telejornais funcionariam como uma janela para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe. O noticiário televisivo desempenharia o papel de um lugar de segurança (VIZEU E CORREIA, 2008).

Permitir que o tempo ocupe lugar central na arte de disseminar informações, isto conscientemente, nos transporta para a narrativa histórica. Ela dá conta dos fatos do presente, ancorando o passado e dando pistas de conhecimento para o futuro. É no tempo que o historiador delimita o espaço. É na posição de espectador que ele constrói o perfil do personagem principal. É na subjetividade dos elementos que se chega a materialidade dos acontecimentos. No telejornalismo, na correria do dia a dia, as temporalidades passam despercebidas, atuam como operadores da narrativa e acentuam a prática, delimitando formas e favorecendo a transformação do meio jornalístico televisivo.

Todavia, a Filosofia, com Bachelard (1994) também nos dá pistas a respeito dos

instantes que são vivenciados dentro de uma redação televisiva, a ponto desses instantes serem transformados em acontecimentos jornalísticos. O momento de decisão dos envolvidos no processo de escolha e delimitação faz parte dessa amplitude temporal que o telejornalismo nos traz. Ancorados em conceitos sólidos, como a referencialidade do telejornalismo e da notícia, além das contribuições teóricas da Filosofia e da História, nos ocuparemos em mapear dois processos temporais que ocorrem na redação de um telejornal: 1) as decisões do editor, produtor e/ ou repórter e 2) a contextualização da notícia, dando conta do mundo que nos cerca.

3. USOS DA DIALÉTICA NO TELEJORNALISMO

O tempo inquieta, instiga o temor, causa desassossego. Mas, o tempo também desperta o saber, aguça a curiosidade, provoca a experiência. Os historiadores trabalham com o tempo a partir da lógica do passado. Essa seria sua estrutura básica, na qual, existe uma representação linguística expressa por periodizações. Com a percepção desse tempo histórico é possível compreender o presente, criar modelos, lançar comparações.

Essa consciência temporal utilizada pelos historiadores contribui naturalmente com outras áreas do saber que estudam o tempo e que são afetados por ele diretamente em suas rotinas, a exemplo de profissionais do campo do jornalismo. De modo geral, os jornalistas compreendem a ação do tempo tanto no desempenho prático quanto na elaboração e planejamento dos processos. Mas, é possível, que os mesmos não percebam essa dominação temporal no desenrolar do trabalho executado diariamente na redação, exercendo poder inclusive nas escolhas de formatos e narrativas.

O historiador Fernand Braudel elaborou um esquema para a compreensão do tempo. Nomeou de ‘dialética das durações’, em resposta ao trabalho realizado anteriormente pelo filósofo Gaston Bachelard (1994). Para Braudel (1978), a temporalização do processo de construção histórica contribuiria com outros pesquisadores de diversas áreas do saber. Pela história, o mundo teria consciência dos acontecimentos, das durações e dos lugares ocupados pela sociedade dentro de grandes estruturas.

(...) Nosso ofício [como historiador] com outras ciências tão vivas do homem; é a ver as luzes que elas projetam no campo de nosso trabalho e o que o historiador, em contrapartida, poderia trazer a nossos vizinhos, tão reticentes em solicitar e até mesmo em escutar nossa opinião. (...) Talvez eu ainda tivesse o tempo de me explicar a respeito

dessa preocupação essencial, do lugar da história na sociedade atual cujas inovações se precisam em nosso horizonte, de maneira pela qual a história se enraíza na sociedade onde vive o historiador. Pois a única coisa que me apaixona em nosso mister, é o que ela explica da vida dos homens a tecer-se sob nossos olhos, com face à modificação ou à tradição, aquiessências e reticências, recusas, cumplicidades ou abandonos. (BRAUDEL, 1978, p. 8-9)

No caso do Telejornalismo, enxergamos que deve existir uma preocupação com o entendimento das temporalidades dentro do ambiente de formatação da notícia televisiva. Na redação se estabelecem prazos e formatos narrativos. Estes, só podem evoluir, ou não, se o tempo for a favor. A crença dos jornalistas é que o foco do trabalho e da rotina está na notícia, quando na verdade o que fala mais alto para a escolha narrativa é o tempo. Estamos falando das temporalidades embutidas durante toda a rotina produtiva televisiva.

As histórias contadas no telejornal partem de um resumo de acontecimentos diários que representam um guia para o público. Ao longo dele, encontramos desde notícias que são retratadas em notas, reportagens, factuais, entradas ao vivo, entrevistas e uma série de formatos que usam recursos audiovisuais. Esses formatos são escolhidos seguindo requisitos estéticos, além de critérios que potencializam o acontecimento para o jornalismo. O *deadline* é um deles, e é o maior exemplo disso. O tempo é o elemento mais forte para a decisão de montagem final de um espelho de um noticiário televisivo.

Vamos nos apropriar da argumentação de Fernand Braudel (1978) a respeito da concepção do tempo na História. Para o autor, os acontecimentos poderiam ser divididos em três nomenclaturas temporais: curto, médio e longo. Cada um com sua importância e necessidade de existência. O tempo curto está relacionado ao individual, seria o tempo presente, dos acontecimentos cotidianos, as intercorrências do dia a dia. Já o tempo médio seria justamente o aspecto conjuntural, na qual os acontecimentos corriqueiros estão inseridos. É a rápida cadência entre o curto e o médio, é a situação mais ampla entre os dois tempos. No que diz respeito a longa duração, é tudo aquilo que está relacionado aos aspectos estruturais. O que não muda, ou o que demora tanto a mudar que não é compatível com o tempo de vida de um indivíduo. Está além.

Para o historiador, aceitar a longa duração é propor-se a uma mudança de estilo, de atitude, a uma reviravolta do pensamento, a uma nova concepção do social. É familiarizar-se com um tempo em câmera lenta, às vezes quase nas raias da imobilidade (...) Em todo o caso, é com relação a essas camadas da história lenta que a totalidade da história

pode ser repensada, como a partir de uma infraestrutura. Todos os andares, todos os milhares de andares, todas as milhares de explosões do tempo da história se compreendem a partir dessa profundidade, dessa semi-imobilidade; tudo gravita em volta dela. (BRAUDEL, 2011, p. 98)

Ainda sobre a ideia de longa duração, Braudel ressalta sua essencialidade na compreensão da narrativa histórica, a ponto de ser a responsável por explicar onde estão situados os problemas sociais.

O entendimento útil deveria fazer-se (digo-o repito-o insistindo) sobre a longa duração, essa estrada essencial da história, não a única, mas que coloca por si só todos os grandes problemas das estruturas sociais, presentes e passadas, convertendo-a em um todo indissolúvel. (BRAUDEL, 1978, p. 9)

É perceptível que dentro da redação televisiva o tempo apareça como critério principal de noticiabilidade. Ele molda as escolhas jornalísticas, é da natureza do telejornalismo. Inicialmente, concentremo-nos na tríade temporal proposta por Braudel. Fazendo rapidamente uma ligação, repartimos as notícias televisivas da seguinte forma: 1) *Hard news* - tempo curto; 2) Reportagens, entradas ao vivo, entrevistas contextuais - tempo médio e 3) especiais, grandes coberturas, produções datadas - longa duração. Inicialmente poderíamos definir a longa duração a partir dos temas, das situações maiores, porém, nada impede que os três tempos se cruzem em momentos distintos e acabem por confundir-se.

Partimos para o exemplo: É possível que na edição de um telejornal apareça como notícia factual a deflagração de uma operação policial relacionada aos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro, isto se enquadraria no tempo curto da notícia. No mesmo telejornal, entradas ao vivo, entrevistas e reportagens recuperam outras informações, como: as diversas operações policiais referentes ao mesmo tipo de crime, atualizam quantidades de presos, repercutem novos fatos dentro da atualidade, enquadraríamos esses formatos no tempo médio da notícia televisiva. Já grandes coberturas, especiais, programas inteiros datados e até mesmo a materialidade da amplidão do assunto corrupção ou ainda, a questão de como o país vem a anos e anos com escândalos de corrupção e problemas ligados a este tema, podem ser fixados dentro da longa duração.

No contexto social, é o trabalho de sedimentação iniciado pelo tempo curto que dará liga as discussões longas. O que acaba por formar as opiniões das pessoas, gera compartilhamento de informações e norteia o que pensa a sociedade. Como muitas ve-

zes isso não é percebido pelo jornalista, ele não compreende sua força e importância na construção do imaginário popular. Outro ponto que pode ser debatido é a presença da temporalidade na formatação estrutural da notícia. Se temos três modelos de tempo fluindo dentro de uma redação, é provável que os profissionais que serão os responsáveis por organizar a lógica, sejam influenciados por essa concepção temporal, pois naturalmente as notícias factuais terão sempre espaço em um telejornal diário, assim como as de tempo médio, porém a longa duração não se faria presente sempre, mas em momentos considerados importantes. Seguimos.

En fait, les durées que nous distinguons sont solidaires les unes des autres: ce n'est pas la durée qui est tellement création de notre esprit, mais les morcellements de cette durée. Or, ces fragments se rejoignent au terme de notre travail. Longue durée, conjoncture, événement s'emboîtent sans difficulté, car tous se mesurent à une même échelle. Aussi bien, participer en esprit à l'un de ces temps, c'est participer à tous. (BRAUDEL, 1969, p. 76)⁵

Dentro da redação de um telejornal encontramos profissionais que perseguem a notícia com tempos pré-determinados. As equipes de reportagem, orientadas pelos produtores, geralmente preocupam-se em mapear os acontecimentos do dia e a partir de uma triagem de edição decide-se como encaixar cada tema em um formato. A volta para redação ainda reserva muitas decisões, como: completar informações, ajustar os materiais de vídeo, distorcer sonoras, retirar imagens e ainda o editor pode escolher não exibir tal reportagem para que o repórter tenha mais tempo para trabalhar e levar o assunto ao público de forma mais completa.

Nosso objetivo é perceber o exercício do telejornalismo em analisar os temas em pauta do ponto de vista temporal. Qual o assunto é mais atual? Qual material já está editado e pode ir ao ar? Que forma de contar deixará o assunto mais impactante? Essas perguntas é que norteiam o entendimento, do ponto de vista profissional. Não queremos nos centrar no discurso, mas em todo o contexto. É a narrativa a partir do formato, é a escolha do acontecimento a partir do tempo, são os temas que representam a presença da tríade do tempo. Com o detalhamento de como funciona a distribuição das pautas e

⁵ “De fato, as durações que distinguimos são solidárias umas com as outras: não é a duração que é tanto assim criação de nosso espírito, mas as fragmentações dessa duração. Ora, esses fragmentos se reúnem ao termo de nosso trabalho. Longa duração, conjuntura, evento se encaixam sem dificuldade, pois todos se medem por uma mesma escala. Do mesmo modo, participar em espírito de um desses tempos, é participar de todos.” (BRAUDEL, 1969, p. 76) [tradução]

sugestões de notícia para o feitiço de um telejornal, queremos lançar os olhares para as temporalidades.

Em Bachelard (1994), encontramos outro ponto de vista. O autor filia sua interpretação de tempo às noções de ato de consciência e atenção que, por sua vez, estão circunscritas à razão que ordena os instantes descontínuos, sejam eles ricos e eficazes ou pobres e ineficazes. É na Filosofia, que Bachelard (1994) compreende a presença do instante, experiência única, perceptível, atômica e objetiva do tempo. Segundo o autor, o instante é o único momento capaz de alterar o fluxo temporal e ser percebido e apropriado em maior ou menor grau através de atos de decisão. É o que ocorre dentro de uma redação de um telejornal. É na decisão do editor que o telejornal toma forma. É na escolha dos acontecimentos que as notícias ganham valor. É o tempo implacável que faz a equipe de um telejornal decidir o que deve ou não ir ao ar, por circunstâncias diversas.

O processo de escolha do que vai ou não ao ar depende de como o tempo é aproveitado durante a fabricação da notícia televisiva e de como ele é utilizado na ilha de edição e no espelhamento do telejornal. São essas pequenas decisões temporais que interferem em como o telejornal vai ao ar. Se o tempo total está curto e é necessário exibir o máximo de informações possíveis opta-se por formatos curtos, a contextualização ou atualização estende-se com formatos médios em que se tenha domínio, a exemplo do ao vivo. Porém, caso haja uma data importante à vista, lança-se mão de formatos mais longos, narrativas distintas e bem produzidas. Mas, nada disso é fechado e não pode ser mais alterado. O mundo está em movimento e se o telejornal espelha esse mundo para as audiências, os instantes que o sucedem são de alta importância. Para Bachelard (1994), o tempo real só existe verdadeiramente pelo instante isolado, esse sim, acontecendo inteiramente no presente, no ato. “ A sensação não é um estado estático, devemos nos preocupar com a mudança de uma conduta, por isso os sentimentos regulam nossas ações, ensejam quebras, rupturas e se dão por recomeços”. (BACHELARD, 1994, p. 47)

Quando decidimos aplicar teoricamente, conceitos surgidos na Filosofia e na História, não estamos renegando o aprofundamento de uma epistemologia do telejornalismo. Queremos que o campo seja reforçado de forma multidisciplinar. Com o levantamento dessas linhas teóricas, queremos mostrar que o tempo é um aspecto forte dentro

do Jornalismo, mesmo fazendo parte de sua natureza, acreditamos que seja importante demandar mais esforços para sua compreensão, a ponto de, atualmente, as rotinas estarem cada vez mais estressantes por conta da sublimação das temporalidades da sociedade.

4. (EM) CONCLUSÃO

A partir destas reflexões os estudos que estamos desenvolvendo indicam que nos encontramos em um período de modificações singulares na construção do telejornalismo, principalmente nas questões fundamentais do tempo. Ao longo das discussões propostas neste trabalho, lançamos alguns questionamentos. Eles indicam que podemos avançar neste modelo de telejornalismo desenvolvido na atualidade. A aplicação dos três tempos propostos por Fernand Braudel (1978) pode ser uma aproximação para a compreensão, mas, o que estamos buscando é entender quais formatos narrativos, tendo como critério o tempo, as temporalidades podem influenciar e impactar o cotidiano das pessoas. Se a temporalidade é o valor notícia mais importante e se estamos construindo grandes discussões a partir das pequenas, como estamos refletindo sobre isso? O que, de fato, está sendo levado ao público? Ou, ainda, por causa dessa aceleração de modos de vida, seria a audiência quem produz a temporalidade? Estamos no começo do percurso.

Quanto a aplicação de Bachelard (1994), o que queremos é justamente compreender a importância do instante dentro do telejornalismo, isso por parte dos profissionais da redação, que decidem sempre em uma tomada de consciência natural o que deve e o que não deve ser notícia, levando em consideração os fatos mais importantes do dia, ou os constrangimentos organizacionais a que são submetidos.

Este estudo dá algumas pistas. Novos questionamentos surgirão, que consequentemente embasarão esse processo de aproximação entre o conceito de Braudel (1978), Bachelard (1994) e os estudos do telejornalismo. A multiplicação dos meios de comunicação, a vida acelerada da sociedade e o consumo instantâneo de informação, via dispositivos móveis e conectados, nos fazem lançar um olhar mais significativo sobre a noção de tempo no campo jornalístico e de como ele está construindo o conhecimento das pessoas. Quanto tempo tenho para gastar com a

informação do dia?. Essas questões devem ser permitidas e valorizadas para a discussão dos estudos de jornalismo, que antes de tudo deve ser uma área em que informar possa trazer conhecimento e novas formas de experimentar o mundo e a comunidade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.
- ALTHUSSER, Louis et al. **Ler O Capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- BABO-LANÇA, Isabel. Acontecimento e Memória. *In: Acontecimento: reverberações*. FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. Tradução Marcelo Coelho. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BRAUDEL, Fernand. “**Histoire et sciences sociales**. La longue durée”. *In: Écrits sur l’histoire*. Paris : Flammarion, 1969. p. 76. (1ª ed. – Annales E. S. C., nº 4, octobre-décembre 1958, Débats et Combats, p. 725- 753.)
- _____, Fernand. “**História e Ciências Sociais: a Longa Duração**”. *In: NOVAIS e SILVA* (orgs.). Nova História em perspectiva. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.
- _____, Fernand. **Escritos sobre a história**. Tradução J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- BERGSON, Henri. **Durée et Simultanéité**: A propos de la théorie d’Einstein. Edition numérique: Pierre Hidalgo. La Gaya Scienza, décembre, 2011.
- FILHO, Ciro Marcondes. **O capital da notícia** – jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Editora UFS: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- FONTCUBERTA, Mar de. **A Notícia** - Pistas para compreender o Mundo. Lisboa, Portugal: Casa das Letras, 2010.
- GADOTTI, Moacir. A dialética: concepção e método. *In: Conceção Dialética da Educação*. 7 edição. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1990.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do Jornalismo. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.
- GOMIS, L. **Teoria del periodismo**: como se forma el presente. 1reimpressão. Barcelona: Paidós, 1997
- HEIDEGGER, Martin. **O conceito de tempo**. São Paulo: Fim de século, 20013.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e Poder Simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

NORA, Pierre. La vuelta del acontecimiento. *In*: **Hacer la Historia**. GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre. Barcelona, 1978.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. *In*: STEINBERG, C. (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1966.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; LEAL, Bruno Souza; GOMES, Itânia. A historicidade dos processos comunicacionais - elementos para uma abordagem. *In*: **Comunicação, mídias e temporalidades**. MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Orgs.). Salvador, EDUFBA, 2017.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O discurso mediático**. Lisboa, 1996, mimeo.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato** – Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VIZEU, Alfredo Eurico Pereira Jr. **Decidindo o que é Notícia**: Os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2000.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: **A sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.